



## RESUMO DA SEMANA - 25 a 29/06

Mercados de risco caracterizados novamente por intensa volatilidade e troca de sinais dentro do próprio pregão. O foco principal dos investidores esteve sempre nas tensões comerciais deflagradas pelos EUA contra a China, mas envolvendo também a União Europeia. Trump alega não ter começado a guerra comercial, mas diz esperar acabar com ela. Porém, ameaças veladas ou não, foram mantidas. Como corolário desse protecionismo, os EUA ameaçaram restringir investimentos chineses em empresas americanas, envolvendo ainda outros países. Isso incomodou investidores em todo o mundo.

No cenário externo, a semana começou com a China anunciando corte de compulsório de 0,5% a partir de 05 de julho e o PBoC deixando claro que pode flexibilizar mais a política monetária. Ao longo da semana, registramos importantes desvalorizações do yuan em relação ao dólar e isenção de tarifas sobre a soja importada de países da Ásia e Pacífico. O lucro industrial de maio na China expandiu 21,1%, perdendo um pouco de força diante do mês anterior. O governo chinês disse acompanhar de perto suposto plano americano de restringir investimentos e de exportar tecnologia.

Na Alemanha, destaque para a fragilidade de Angela Merkel com pressões do partido que dá sustentação (CSU), antes de reunião de cúpula da União Europeia que discutirá projeto de imigração, compartilhamento de encargos e orçamento conjunto da região em 2021. O índice IFO de sentimento empresarial de junho caiu para 101,8 pontos, o GfK de confiança do consumidor de julho permanecendo estável em 10,7 pontos e vendas no varejo em queda de 2,1% em maio. Merkel conseguiu reverter pressões, com empresários produzindo manifesto pedindo fim das desavenças.

Na zona do euro, o índice de sentimento econômico de junho caiu para 112,3 pontos, um pouco mais que o esperado. Na reunião de cúpula da União Europeia, os membros conseguiram fechar acordo sobre imigração e ajuda para a Itália na imigração por mar. No Reino Unido, Theresa May, primeira ministra segue fragilizada pelas dificuldades de acordo do Brexit, mas o ministro do Brexit disse que encaminhará medidas para qualquer cenário.

O protagonismo da semana foi mesmo americano, com declarações de Trump e seus assessores e declarações de presidentes de bancos centrais regionais. Trump apoiou firmemente o programa que a Câmara votaria em 27 de junho, para logo em seguida coletar a rejeição pelos deputados. O presidente falou sobre relações comerciais e roubo de propriedade

intelectual, e ainda sobre restringir investimentos dentro das regras atuais para a China e outros países.

Assessores principais de Trump falaram sobre não aliviar a China nas relações comerciais (Kudlow) e investimentos em tecnologia. Isso acabou provocando quedas acentuadas em empresas desse setor. Trump não dará licença para aliados negociarem com o Irã, que disse poder sufocar. Isso promoveu intensa alta do petróleo no mercado internacional.

A semana trouxe a divulgação de indicadores importantes, começando pela terceira leitura do PIB do primeiro trimestre mostrando alta anualizada de 2,0%. As encomendas de bens duráveis encolheram -0,6% em maio melhor que o previsto de -1,0%. O índice de atividade de Richmond subiu para 20 pontos e a confiança do consumidor de Michigan em alta para 98,2 pontos em junho. O índice de atividade de Dallas em queda para 23,3 pontos, vindo de 35,2 pontos. A renda pessoal de maio cresceu 0,4% e gasto com consumo +0,2%. A inflação pelo PCE com taxa anual de 2,3% e o núcleo com 2,0%.

Tivemos ainda vários presidentes regionais do FED discursando. Rosengren de Boston disse que a economia forte mostra hora de preparar para a próxima recessão, enquanto Bullard de St. Louis fez o discurso mais suave indicando não ser necessária altas preventivas dos juros, nem elevar demais e rápido; situação que poderia comprometer o crescimento.

No cenário doméstico praticamente não tivemos posicionamentos de membros do Executivo e principalmente do Legislativo, esse último em semi recesso por conta da Copa do Mundo e festas juninas. Os pré-candidatos a presidência se movimentaram, mas com a situação continuando indefinida. Pesquisa Ibope/CNI divulgada mostra que a avaliação péssima/ruim de Temer subiu para 79%. Na pesquisa estimulada, Lula lidera com 33% e Bolsonaro e Marina em seguida. Sem Lula, Bolsonaro tem 17% e Marina com 13%, enquanto Ciro fica com 8% e Alckmin com 6%. Os investidores gostaram de Ciro ter performance pior que a projetada.

Na área econômica, alguns indicadores importantes. A ata do Copom da última reunião que manteve a taxa Selic estabilizada em 6,50% deixou explícito que os juros estão em nível adequado, mas ainda prescreve política de estímulos. Voltou a citar os riscos externos e internos, principalmente a frustração por não conseguirem ajustes e reformas e ainda sem conseguir dimensionar os efeitos da greve e alta do câmbio. Apesar disso, deixaram brecha para mudar a política, caso os indicadores indiquem necessidade. A leitura clara foi de que pelo menos na próxima reunião, os juros básicos não devem ser alterados.

O saldo da balança comercial até a quarta semana de junho estava positivo em US\$ 4,9 bilhões, acumulando superávit em 2018 de US\$ 29,1 bilhões. Falando de inflação, o INCC de junho mostrou alta de 0,78%, vindo de 0,30% no mês anterior. O IGP-M fechado de junho registrou forte alta de 1,87%, no maior nível desde outubro de 2015, mas a partir de agora deve começar a suavizar. No ano, o IGP-M acumula alta de 5,39% e em 12 meses 6,92%.

O estoque total de crédito cresceu 0,5% em maio para R\$ 3,11 trilhões e a inadimplência no crédito livre em 4,6%, com pessoa física em 5,0%. A participação do crédito no PIB estava em 46,6%. O nível de endividamento das famílias era de 41,3%. A Receita Federal registrou que a arrecadação de maio atingiu R\$ 106,2 bilhões, acumulando em 2018, R\$ 603,4 bilhões, um incremento real de 7,81%. Mas considerando somente o mês, houve queda real de 19,1%. De qualquer forma, foi a maior arrecadação para o mês desde 2014.

O Relatório Trimestral de Inflação (RTI) do segundo trimestre repetiu praticamente os mesmos termos do comunicado e ata do Copom, assim como a entrevista coletiva de Ilan Goldfajn.

Porém, destacamos que os dados vieram todos pelo lado negativo, com a previsão de crescimento encolhendo para 1,6% em 2018 (anterior em 2,6%), consumo das famílias caindo para +2,1% e consumo de governo virando para negativo em 0,2%. A formação bruta de capital fixo caiu na margem para 4,0%. Até os investimentos diretos no país (IDP) encolheram para previsão de US\$ 70 bilhões, vindo de anterior em US\$ 80 bilhões. O IBGE anunciou dados da PNAD contínua do trimestre encerrado em maio com desemprego em 12,7% e 13,2 milhões de desempregados. A qualidade continuou baixa fechando 351.000 vagas com carteira assinada.

#### RESUMO DA SEMANA

<b>IBOVESPA</b>	<b>72762 (+3,00)</b>	<b>DOW JONES</b>	<b>-1,27</b>	<b>NASDAQ</b>	<b>-2,37</b>
	<b>DÓLAR +2,59 (R\$ 3,88)</b>				

#### PERSPECTIVAS

Uma coisa parece certa: a volatilidade não deve largar os mercados de risco, tanto no exterior como no segmento doméstico. Do lado externo, duas questões surgem como importantes: as tensões sobre o comércio transnacional e as discussões no âmbito europeu de um projeto conjunto de imigração que pode evoluir para entrelaçamento de ideias ou separar ainda mais os países. Vamos ver como ocorre na prática.

Para completar, não podemos esquecer Donald Trump sempre fazendo das suas, seja no que tange às tensões comerciais ou até com os problemas imigratórios envolvendo o México e países próximos. Além, é claro, dos viajantes islâmicos proibidos de entrar em solo americano. Trump sempre imprevisível é constantemente motivo de bruscas mudanças de sinais dos mercados, ainda mais que agora está assessorado por seu núcleo duro.

No Brasil, nada de mais concreto podemos esperar sobre o comportamento da economia. Dados de conjuntura se deteriorando sem que o governo consiga emplacar ajustes, STF piorando, como fez Lewandowski, proibindo a privatização de empresas estatais sem aval do Congresso. E, ainda, um Congresso preocupado com festas juninas e processo sucessório, não assimilando a gravidade dos problemas nacionais.

Com o processo político ainda longe de clareza sobre os candidatos, é de se esperar *fake news* e situação improváveis, como Aldo Rebelo de vice-presidente na chapa de Alckmin. De qualquer forma, uma coisa parece certa: aqueles que estão na faixa de 1% ou 2% das preferências não têm qualquer chance de despontar e já deveriam estar buscando coalisões.

Do ponto de vista da análise técnica, seria preciso buscar a faixa de 72.600 pontos, para tentar objetivo de ultrapassar 73.700 pontos e depois 75.300 pontos. Na hipótese negativa, não deveríamos perder a faixa de 69.200 pontos, sob pena de entrar em nova precipitação. De qualquer forma, as quedas recentes deixam boa margem para recuperações, mas seria preciso surgirem boas notícias externas e, principalmente, internas.

Alvaro Bandeira

Sócio e Economista-Chefe modalmais

Fonte: <https://www.modalmais.com.br/blog/falando-de-mercado>